

Como inventamos a nós mesmos?

How are we invented ourselves?

Marcelo Santana Ferreira

Resumo

Esta resenha é sobre o livro escrito por Nikolas Rose “Inventando nossos selfs”. Recentemente, em 2011, um grupo de pesquisadores da UFRJ fez um trabalho de tradução cuidadoso sobre os textos originais de Rose em Inglês. Não há dúvida de que este esforço será muito importante para muitos estudantes e pesquisadores brasileiros que procuram por novos pontos de vista acerca da história de nossos modos de ser um ser humano, com muitas contribuições da Psicologia, Psicanálise e Psiquiatria, que inventam conosco sistemas de interpretação e administração de nossas próprias existências.

Palavras-chave

Self; Tecnologia; Nikolas Rose.

Abstract

This review is about the book written by Nikolas Rose "Inventing Our Selves". Recently, in 2011, a group of researchers from UFRJ did a careful translation work on Rose's original texts in English. It's no doubt that this effort 'll be very important for many students and Brazilian researchers that have looking for new points of view about the history of our ways of being a human beings, with many contributions of Psychology, Psychoanalysis and Psychiatry that invent with ourselves systems of interpretation and administration of our own existences.

Keywords

Self; Technology; Nikolas Rose.

**Marcelo Santana
Ferreira**
**Universidade Federal
Fluminense**

Professor Adjunto IV do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense; Editor de Fractal: Revista de Psicologia; Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

O livro *Inventando nossos selves: Psicologia, poder e subjetividade* de Nikolas Rose faz parte da coleção Psicologia Social, da editora Vozes, e foi publicado em 2011, garantindo o acesso de pesquisadores brasileiros em diferentes momentos de seu processo de formação a textos fundamentais do inglês Rose, interlocutor de muito valor de problematizações históricas e epistemológicas da Psicologia. A tradução em português foi tarefa articulada por grupo de pesquisadores da UFRJ e somos informados, logo no início da edição brasileira de 2011, do tempo que foi gasto na empreitada, em torno de dez anos. O propósito da presente resenha é apresentar aspectos gerais do livro e defender a importância do trabalho reflexivo de Rose sobre a Psicologia, incentivando, entusiasticamente, que outros pesquisadores se interessem pelas reflexões e que façam uso da boa tradução.

O livro é composto por oito capítulos, notas da edição brasileira e uma introdução do próprio Nikolas Rose aos capítulos. Há, ainda, um índice analítico de termos utilizados no livro. Os capítulos se intitulam: Como fazer a história do *self*?; Uma história crítica da Psicologia; A Psicologia como Ciência Social; A expertise e a *techne* da Psicologia; A Psicologia como uma tecnologia individualizante; A Psicologia Social como uma ciência da democracia; Administrando indivíduos empreendedores e, finalmente, Agenciando nossos *selves*. Na pesquisa de Rose, o *self* não é considerado como substância anterior a qualquer tipo de relação histórica ou social e as perspectivas teóricas abertas por Michel Foucault em sua polissêmica obra permitem boa parte da consistente base teórica da argumentação do teórico inglês. Nikolas Rose considera que seu trabalho seja uma genealogia da subjetivação, não incorrendo na ideia corrente de que os objetos históricos sejam instituídos definitivamente, variando apenas em grau no decorrer do tempo social-histórico. Aproximando-se decisivamente de Foucault, não se trata de uma pesquisa sobre as ideias sobre as pessoas, mas sim de uma preocupação “(...) com as práticas dentro das quais as pessoas são entendidas e nas quais se age sobre elas – em relação a sua criminalidade, sua saúde e doença, suas relações familiares, sua produtividade, seus papéis militares, e assim sucessivamente” (Rose, 2011, p. 40). O pesquisador procura investigar, portanto, práticas e técnicas, herdando, reflexivamente, a força do desvio foucaultiano em relação à hegemonia de epistemologias externalistas ou internalistas em considerações sobre os saberes de radical psi.

Diferenciando-se de tradições psicológicas e sociológicas que pressupunham ou uma continuidade histórica da noção de pessoa ou uma variação de produção de humanos com características psicológicas, crenças e patologias diferentes, Rose (2011) parte da necessidade de um desvio das narrativas históricas hegemônicas que consideram a compreensão individualizada e interiorizada de seu objeto como sua base de sustentação. É preciso compreender como, a partir de injunções histórico-institucionais, partimos para uma relação com nós mesmos, como já era possível depreender dos estudos de Michel Foucault, intitulados de uma ontologia histórica de nós mesmos. Além de encontrar em Foucault um importante interlocutor, Rose (2011) encontra em Gilles Deleuze e Felix Guattari elementos conceituais e problematizações éticas concernentes ao modo como aprendemos a instituir e conservar formas de inteligibilidade sobre nossa existência. Há objetivos históricos que identificam os processos de elaboração de nós mesmos, como a masculinidade, a feminilidade, a honra, a modéstia, a propriedade, a civilidade, a virtude e o prazer, dentre outros. Nikolas Rose (2011) não se afirma como um culturalista e empreende sua análise a partir do que ele mesmo chama de trajetórias interligadas, a saber, problematizações, tecnologias, autoridades, teleologias, estratégias, governo dos outros e de si e as dobras da alma. Inicialmente, trata-se de compreender onde, como e por que são tornados problemáticos certos aspectos do ser humano, momento da investigação em que Rose (2011) recoloca a importância epistêmica e

institucional da instauração de racionalidades sobre a vida, a morte e a invenção das anormalidades, referindo-se ao caráter prescritivo e performativo de discursos científicos e morais que garantem que determinados problemas se tornem administráveis, como o são a delinquência, a infância, a sexualidade e a aprendizagem. A seguir, o pesquisador inglês propõe uma importante caracterização do que seja a tecnologia em sua investigação, procurando não sucumbir à visão corrente de que tecnologias sejam antitéticas ao modo como se procura definir o ser humano. De acordo com o próprio pesquisador,

(...) [Minha] análise não parte da ideia de que tecnologicizar a conduta humana é algo maligno. As tecnologias humanas produzem e enquadram seres humanos como certos tipos de seres cuja existência é simultaneamente possibilitada e governada por sua organização no interior de um campo tecnológico (ROSE, 2011, p. 46).

Ao se voltar as autoridades, Rose (2011) se reporta a concepção de poder foucaultiana, uma vez que se interroga sobre como as autoridades são autorizadas a falar a verdade sobre os seres humanos e como elas mesmas são governadas por códigos e protocolos, centrando-se em processos históricos heterogêneos, sem que os mesmos sejam recobertos pelo centralismo do Estado, mas defendendo uma reflexão sobre regimes de verdade. Em termos de teleologias, Rose (2011) investiga as formas de vida que configuram metas, ideais e exemplos em práticas de ação sobre pessoas, enfatizando a heterogeneidade e especificidade de ideais e modelos de subjetividade efetivados em diferentes práticas envolvidas com a condução das condutas humanas. Como surgem e se gerenciam o indivíduo empreendedor, o viril guerreiro e o pai responsável? Estrategicamente, trata-se de compreender como os procedimentos investigados se unem a objetivos morais, sociais e políticos mais amplos que dicotomizam em características desejáveis e indesejáveis aquilo que diz respeito à população, à força de trabalho, à família e à sociedade. Aproximando-se paulatinamente da obra de Foucault, é nas discussões sobre a noção de governo que Rose (2011) indica a sua melhor desenvoltura, apresentando o momento final da obra de Foucault em relação à ética e defendendo a decisiva contribuição deste momento derradeiro do pensamento foucaultiano para compreendermos, contemporaneamente, as tecnologias do *self*. Referindo-se à larga pesquisa foucaultiana sobre os regimes morais na Antiguidade greco-romana e seus efeitos na elaboração de uma concepção de sexualidade não restrita aos cânones dos procedimentos administrativos que impediriam elaborações de si mesmo, Rose (2011) apresenta o que Foucault considerava como o campo da ética, em que não se tratava da consideração da centralidade do código sobre as existências, mas a abertura das prescrições a um exercício de si, coextensivo em alguns momentos históricos, a um modo de vida belo e soberano. Neste contexto, é evidente que o tema da liberdade assume grande importância e Rose (2011) se voltará, cuidadosamente, ao mesmo, inquirindo os regimes de verdade instituídos em sociedades democráticas.

Enfatizando o corpo em suas indagações, Rose (2011) também faz importantes menções ao trabalho de teóricos feministas e ao pós-feminismo, em que a categoria de gênero é radicalizada como co-extensiva a políticas compulsórias que sexualizam e generificam afetos e relações com nós mesmos. Aspectos arquiteturais, a divulgação exaustiva de *expertises* sobre a conduta humana e a resistência de grupos e de indivíduos aos códigos prescritivos tornam a investigação de Rose (2011) mais dinâmica e instigante, por considerar que aquilo que se estuda se refere, também, as modificações empreendidas por aqueles que são governados em programas que possuíam determinadas finalidades e passam a assumir outras, por

intermédio de suas resistências políticas. Em termos de dobras da alma, Rose (2011) se reporta aos estudos de Deleuze e Guattari, fortalecendo uma indagação sobre como nos tornamos seres humanos com um certo tipo de subjetividade. Em determinado momento de sua investigação, Rose (2011, p. 61) procura definir seu trabalho como a tentativa de tornar o ser humano inteligível em termos de agenciamentos, relacionando agenciamentos à localização e à conexão de rotinas, hábitos e técnicas dentro de domínios específicos de ação e valor. O pesquisador exemplifica com a referência a bibliotecas, casas de banho, mercados e lojas de departamento. Reportando-se aos estudiosos da vida privada, Rose (2011) se apressa em se diferenciar deles, ao afirmar que a gestão da vida privada não se exaure em especificidades espaciais, mas as extrapola.

O excelente texto de Nikolas Rose deve interessar a professores, alunos e pesquisadores em Psicologia e em áreas afins, por indicar uma renovação dos estudos sobre a subjetividade ocidental, dando ênfase e valor à noção de tecnologia. A tarefa que foi cumprida pelo grupo de professores e alunos da UFRJ ao traduzir os capítulos que compõem a presente publicação encontrará um destino respeitável em diversos campos, como o da chamada Psicologia Social. O livro de Rose é urgente e pertinente, ainda mais por estarmos acompanhando uma insidiosa cruzada midiática em nosso país em torno do problema das chamadas delinquências e psicopatias, por intermédio da banalização de conceitos e de noções psicológicas e psicanalíticas na televisão, em programas de entretenimento, telejornais, filmes e seriados. O pensamento de Rose nos permite a construção de um diagnóstico efetivo dos esforços administrativos em consolidar novos indesejáveis sociais, em um contexto histórico em que instituições sociais parecem exacerbar a responsabilidade dos indivíduos sobre os seus próprios destinos sociais. O livro de Rose tem uma importante função a desempenhar em nossos cursos de graduação e, mesmo, de pós-graduação, estabelecendo um diálogo fecundo com o pensamento de Michel Foucault, garantindo-lhe aquilo que pode ser mais nobre, ao colocá-lo à prova do tempo, formulando novas perguntas sobre os processos aos quais somos convocados a participar, em que nos são colocadas perguntas e em que somos informados sobre uma parte do modo como nos tornamos inteligíveis.

Sobre o artigo

Recebido: 10/11/2012

Aceite: 01/12/2012

Referências bibliográficas

ROSE, N. **Inventando nossos selfs**. RJ: Editora Vozes, 2011.